

RAPUCCI, Cleide Antonia. **Mulher e deusa**: a construção do feminino em *Fireworks* de Angela Carter. Prefácio de Thomas Bonnici. Maringá: Eduem, 2011, 234 p.

Altamir Botoso\*

O livro *Mulher e deusa*: a construção do feminino em *Fireworks* de Angela Carter, de autoria da professora Cleide Antonia Rapucci, conta com um prefácio de Thomas Bonnici, da Universidade Estadual de Maringá e divide-se em três capítulos, nos quais a autora empenha-se em analisar o primeiro livro de contos da escritora inglesa Angela Carter (1940-1992), *Fireworks*, publicado pela primeira vez em 1974.

No prefácio, Thomas Bonnici destaca a paródia como uma das mais importantes facetas dos escritos de Angela Carter, pois atinge o âmago daquilo que constitui o patriarcalismo e se concretiza “na reescrita de contos e na recharacterização de personagens”, provocando “não apenas uma profunda crítica falocêntrica”, mas também construindo “uma complexa representação da feminilidade” (p. 10).

Bonnici complementa essas colocações afirmando que um dos vieses da paródia carteriana é a sexualidade feminina e que o cosmos dessa escritora é habitado por mulheres selvagens, lobas, feras, felinas, hetairas, fêmeas trágicas e mães e filhas independentes, que procuram e revelam os desejos, a busca de prazer, a libido incontida, a escolha e a autonomia sexual e “jamais esmorecem em suas atitudes altivas e ativas,

---

\* Mestre e Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis-SP e professor do Mestrado em Letras da Universidade de Marília-SP - UNIMAR.

sensuais e subversivas”, além de procurarem “a igualdade e a reciprocidade mesmo no intercuro sexual tão hierarquizado na cultura ocidental” (p. 11).

Ao final do prefácio, Bonnici avalia que o livro de Cleide Antonia Rapucci é relevante para a crítica brasileira porque retoma uma autora ficcional feminista que abriu novos caminhos para a literatura adulta e também porque em seus textos, manifesta-se a subversão, o incômodo e a rebeldia contra a complacência, propiciando e favorecendo a construção de uma sociedade alicerçada na igualdade.

Na introdução da obra em apreço, Rapucci declara que a principal proposição da obra carteriana é a criação de um espaço feminino no qual as mulheres tornem-se agentes e fujam ao papel de vítimas e afirma que, em seu estudo, procura analisar a construção das personagens femininas nos contos de *Fireworks*, colocando em evidência as características que as definem como agentes ao invés de vítimas, transformando-as em vetores de uma ideologia a serviço das mulheres. Dessa maneira, por meio das personagens femininas em *Fireworks*, Angela Carter aponta caminhos para que o quadro da situação da mulher seja revertido e para que elas encontrem sua voz e sua capacidade de movimentar-se livremente.

No primeiro capítulo, “A escritura carteriana”, a autora do livro apresenta um painel da vida e da obra de Angela Carter. Em seguida, discute a periodização na qual se enquadra a obra dessa escritora, destacando os dois termos que são associados a sua obra – realismo mágico e pós-modernismo.

Rapucci pauta-se pelo *The Oxford Companion to English Literature* para elencar as seguintes características do realismo mágico: o dado realista que se mescla ao inesperado e ao inexplicável, em que elementos do sonho, contos de fada e mitologia combinam-se com o cotidiano, formando um mosaico ou caleidoscópio e é uma tendência que se observa em certos escritores pós-modernos.

Em relação ao pós-modernismo, a autora realiza uma boa síntese das concepções de seus principais teóricos: Jean-François Lyotard, Fredric Jameson e Jean Baudrillard e finaliza este primeiro capítulo apresentando uma discussão da fortuna crítica sobre os escritos de Angela Carter, posicionando-se ao lado de estudiosos como Merja Makinen, Melinda G. Fowel, Elaine Jordan, Gina Wisker, que entendem a obra de Carter como algo a serviço das mulheres. Portanto, os textos carterianos opõem-se à ideologia patriarcal e valorizam a figura feminina como um agente capaz de lutar e subverter tal ideologia.

Com grande acuidade e capacidade de síntese, no capítulo dois – “Mulher e deusa – a ideia do feminino”, Rapucci traça um panorama do pensamento de vários autores de tendência junguiana acerca do princípio feminino, dos tipos de mulher e do resgate do feminino desprezado e da mulher selvagem. Assim, percebe-se a preocupação de apontar as características fundamentais do princípio feminino, visando a análise das personagens femininas do livro de Angela Carter. A mulher é também identificada com o símbolo da lua, sendo associada à intuição, à mudança, à fertilidade e ao crescimento, mas também pode ser considerada como volúvel, fria e não confiável.

No matriarcado, a natureza feminina estava em evidência e em harmonia, mas com o patriarcado, os aspectos físicos e espirituais do feminino foram declarados demoníacos e a sensualidade da mulher passou a ser rebaixada. Dessa forma, para superar a opressão do patriarcado, a mulher deve buscar compreender a sua natureza que se desvela no universo mitológico por meio de deusas como Ártemis, Atenas, Héstia, Hera, Deméter, Perséfone e Afrodite, as quais revelam uma importante “tipologia do feminino” e evidenciam a influência das forças arquetípicas no comportamento das mulheres. Complementando esse quadro, Rapucci comenta a tipologia de Toni Wolff – mãe, hetaira, amazona e médium – para descrever os diferentes e variados tipos de mulheres, desvelando as muitas faces do feminino que têm se empenhado em derrubar a hegemonia patriarcal para que o feminino possa sobressair-se e conquistar seu espaço e sua liberdade.

Finalmente, no terceiro capítulo, “*Fireworks*: a construção do feminino”, são analisados os nove contos que compõem o livro de Angela Carter, os quais são agrupados de acordo como o foco narrativo e o tratamento dado às personagens femininas. Tal capítulo está subdividido em quatro subitens. No primeiro, a autora enfatiza o seu objetivo, que é o de utilizar nas análises os estudos feitos por analistas junguianos contemporâneos que lidam com a questão do princípio feminino e a situação da mulher na sociedade patriarcal e que foram comentados e aprofundados no capítulo dois.

Segundo Rapucci, as personagens femininas em *Fireworks* expressam, alegoricamente, a condição da mulher no patriarcado, sendo esse o *leitmotif* da coletânea e, por meio dessas mulheres, Carter assinala caminhos para que este quadro seja transformado, possibilitando às mulheres que elas encontrem sua voz e sua liberdade. Na sequência, são mencionados alguns estudiosos que se dedicaram a analisar/comentar os contos de *Fireworks*.

No segundo subitem do capítulo três, intitulado de “Os contos do eu: Feminino. Singular”, são estudadas narrativas em primeira pessoa, nas quais aparece a voz feminina em busca de sua identidade: “*A Souvenir of Japan*”, “*The Smile of Winter*”, “*Flesh and the Mirror*” e “*Elegy for a Freelance*”. No item seguinte, “A terceira pessoa: ‘*Masters*’, são analisadas histórias com narrador em terceira pessoa – “*The Executioner’s Beautiful Daughter*”, “*The Loves of Lady Purple*” e “*Master*” – nas quais a mulher é tão privada de sua voz que não pode falar por si própria. No quarto item, “O espaço da ambiguidade: acenos de reconciliação”, é efetuado o estudo de “*Penetrating to the Heart of the Forest*” e “*Reflections*” e se observa que surgem indícios de que homem e mulher poderiam se entender e conviver pacificamente, ocorrendo o “casamento do sol com a lua” (p. 144).

Enfim, nas análises dos contos fica evidenciado que as personagens femininas de Angela Carter “querem assumir a responsabilidade de escolher e não desejam ser passivas ou joguetes movidos por outras pessoas ou pelas circunstâncias” (p. 226). As figuras masculinas, em alguns contos, são apresentadas em seu aspecto mais tirânico, mas ainda assim, as mulheres têm possibilidade de encontrar sua autonomia, seu espaço e sua liberdade. É possível vislumbrar também a “possibilidade do encontro criativo do masculino e do feminino” (p. 227), quando “não há supremacia de um sexo sobre o outro” (p. 227), permitindo que o feminino possa se desenvolver plenamente, uma vez que as personagens femininas, nos contos de *Fireworks*, desejam “um espaço todo seu”, anseiam pela amplidão e deixam bem claro que não foram criadas para o confinamento.

Seguramente, o livro *Mulher e deusa* é uma contribuição valiosa para os estudos de obras de autoria feminina, os quais vem se ampliando sistematicamente nos meios acadêmicos. Tanto a parte teórica, exposta com clareza e inteligência, quanto as análises efetuadas, que se sobressaem pela profundidade, pela sensibilidade e pela capacidade interpretativa demonstrada por Cleide Rapucci, são algumas das qualidades da obra em questão, que irão recompensar a todo e qualquer leitor que resolva navegar pelos campos misteriosos e intensos da literatura de autoria feminina.

*Data de submissão: 07/03/2013*

*Data de aprovação: 16/05/2013*